



Uma teoria sobre a simbologia na Praça de São Pedro, no Vaticano, arquitetada por Gian Lorenzo Bernini.

One theory about the symbolism in St. Peter's Square at the Vatican, architected by Gian Lorenzo Bernini.

Marcel Henrique Rodrigues*

Resumo

Partindo dos pressupostos da Psicologia dos símbolos e das religiões, encontramos autores que muito dissertaram sobre o assunto, tais como Jung, Campbell e Freud. Após minucioso estudo sobre os símbolos religiosos e seus significados a partir de cada concepção religiosa, nos deparamos, baseados nas teorias de Jung, com diversos símbolos, mitos e ritos das mais diversas culturas e civilizações, com uma grande similaridade. Por essa similaridade simbólica, Jung teorizou sobre a existência do inconsciente coletivo, comum a todas as culturas. Com essa base teórica, adicionada aos estudos sobre os símbolos das religiões orientais e ocidentais, podemos encontrar crenças universalmente postuladas pelas religiões, sobretudo a concepção dos opostos masculino e feminino, sendo que tal temática foi amplamente analisada neste artigo, o qual também focou na simbologia da Praça de São Pedro. A investigação se baseia em linhas históricas, em concepções teológicas, nos estudos comparativos dos símbolos, além do embasamento psicológico, sendo utilizado, como método, a comparação entre concepções místicas da religiosidade oriental com a ocidental, bem como a difundida concepção sobre o masculino e o feminino dentro das religiões. Como será explanado, no decorrer da investigação, esta citada concepção pode ter influenciado Bernini na estruturação da Praça do Vaticano.

Palavras-Chave: Simbologia. Praça de São Pedro. Religiões, Psicologia.

Abstract

Starting from presuppositions of psychology and symbols of religions, we find authors who much spoke about the subject, such as Jung, Freud and Campbell. After detailed study of religious symbols and their meanings as from each religious conception, we find, based on the theories of Jung, various symbols, myths and rituals in various cultures and civilizations with a great similarity. For this symbolic similarity, Jung theorized about the existence of the Collective Unconscious, common to all cultures. With this theoretical basis, added to studies on the symbols of Eastern and Western religions, we find beliefs universally postulated by religions, especially the concept of opposites male and female, and this theme has been broadly analyzed in this paper, which also focused on the symbolism of the Square St. Peter. The research is based on historical lines in theological conceptions, in comparative studies of symbols, beyond the psychological foundation, being used as a method to compare conceptions of mystical oriental religiosity with the West, particularly the widespread conception of male and female within religions. Como will be explained in the course of research, this widespread conception may have influenced Bernini in structuring the Vatican Square.

Artigo Recebido em 22/10/2012

Aprovado em: 14/02/2013

* Discente do curso Psicologia pelo Centro Universitário Salesiano de São Paulo-UNISAL. Membro da ABHR e Bolsista PIBIC-CNPq. Sua linha de pesquisa é em Símbolos, Religiões e Psicanálise. Contato: marcel_symbols@hotmail.com

Key Words: Symbols, St. Peter's Square, Religions, Psychology.

Introdução.

Este artigo é fruto de uma pesquisa de Iniciação Científica intitulada “A queda dos símbolos: a relação entre o homem contemporâneo com os símbolos religiosos”, realizada nos anos de 2010 e 2011, com bolsa concedida pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, CNPq. Esta investigação focará em uma das personalidades artísticas mais influentes do período Barroco, Gian Lorenzo Bernini, considerado um dos maiores escultores e artistas de todos os tempos. Uma de suas principais obras é a Praça de São Pedro, em Roma, considerada a obra prima do movimento Barroco, sendo ela o nosso cenário de análise.

Para analisar o simbolismo da referida Praça, utilizaremos conceitos teológicos e místicos não só do Cristianismo, mas de outras religiões, sobretudo as religiões e filosofias orientais. Tentaremos, assim, através da literatura especializada, encontrar indícios de influências místicas orientais no projeto de Bernini. Esses indícios, como se verificará, serão bastante fortes ao serem corroborados pelas doutrinas místicas do próprio Catolicismo.

A nova interpretação, para o simbolismo da monumental obra que é a referida Praça, poderá nos levar a duas distintas conclusões. A primeira é sobre a real possibilidade de que Bernini tenha sido influenciado pelas culturas orientais, instigando-o a equilibrar antigos conceitos difundidos no oriente, com a mística Católica; já a segunda, é favorável ao conceito de inconsciente coletivo junguiano, que preza pelas similaridades, sobretudo dos símbolos, nas mais diversas culturas, civilizações e eras.

Este trabalho não tem a intenção de exaltar ou desvalorizar quaisquer concepções religiosas, apenas aplicar conceitos antropológicos e realizar uma discussão histórica sobre dados símbolos religiosos, de forma a contribuir para a compreensão da importância dessa dimensão dos símbolos nas culturas humanas.

A Psicologia da simbologia religiosa

A Psicologia dos símbolos religiosos foi desenvolvida, sobretudo, pela Psicologia Profunda, de Carl. G. Jung (2008), o qual dedicou parte de sua vida aos estudos dos mais diversos símbolos religiosos e culturais espalhados pelas mais diversificadas culturas e regiões.

A similaridade entre os símbolos e mitos nas mais diversas e distintas culturas mundiais levou Jung (2008) a formular uma nova hipótese, que fosse além da teoria do inconsciente pessoal. Essa nova teoria, conhecida como teoria do inconsciente coletivo, consagrou suas obras e influenciou novos estudos dentro da Antropologia, das Ciências da Religião, entre outras áreas. Eis sua explicação para a nova teoria da psique:

O inconsciente coletivo é uma parte da psique que pode distinguir-se de um inconsciente pessoal pelo fato de que não deve sua existência à experiência pessoal, não sendo, portanto uma aquisição pessoal. Enquanto o inconsciente pessoal é constituído essencialmente de conteúdos que já foram conscientes e, no entanto desapareceram da consciência por terem sido esquecidos ou reprimidos, os conteúdos do inconsciente coletivo nunca estiveram na consciência e, portanto não foram adquiridos individualmente, mas devem sua existência apenas à hereditariedade. Enquanto o inconsciente pessoal consiste em sua maior parte de complexos, o conteúdo do inconsciente coletivo é constituído essencialmente de arquétipos. (JUNG, 2008, p. 53).

Dentro dessa explicação, devemos compreender o que Jung (2008) entende por arquétipo. Tal termo é utilizado, dentro da perspectiva da Psicologia Analítica, para designar ideias e imagens primordiais que são inatas à psique humana, portanto, fazem parte do inconsciente coletivo, que projeta os símbolos, frutos das atividades arquetípicas. Lurker (2003) argumenta que Jung (2008) postulou os arquétipos como parta da instintualidade humana, ou seja, se os símbolos religiosos são produzidos pelo inconsciente arquetípico e se os arquétipos, que são os “produtores” desses símbolos, são parte dos instintos, então os símbolos e as religiões são, segundo Jung (2008), manifestações típicas da natureza humana.

É verídico que as hipóteses de Jung (2008) geraram muitas polêmicas, discussões e críticas, mas o que também não mais é negado é que seu trabalho foi e ainda é fundamental para os estudos dos símbolos e das religiões comparadas, dentro de uma perspectiva filosófica, história e psicológica.

Dentro do círculo da Psicanálise, Freud (2006) também escreveu sobre os símbolos de um modo geral. Mesmo sem compartilhar da mesma concepção positiva sobre a religiosidade de Jung, Freud (2006) estudou o fenômeno das religiões e dos símbolos com uma lente mais crítica, sempre embasada em seu cientificismo de cunho ateu. Freud (2006), assim como Jung (2008), teorizou que grande parte dos símbolos utilizados pelas religiões e pelas culturas em geral é fruto da atividade do inconsciente, que se manifesta, na maioria das vezes, pelo viés onírico.

Embora Freud (2006) tenha rejeitado totalmente a teoria do inconsciente coletivo, ele aceitou a ideia de que a simbolização das culturas, sobretudo das religiões, é transmitida, no que ele chamou, de “resíduos-arcaicos”, que seriam resíduos que sobrevivem na psique inconsciente desde os tempos imemoriais e que instigam o ser humano, de modo geral, a agir de uma maneira semelhante aos seus ancestrais e ao seu grupo, principalmente na criação dos símbolos e rituais religiosos.

Por sua vez, Cassirer (2004) que, instigado por outras áreas além da Filosofia, estudou com afinco a questão sobre a simbologia, principalmente a religiosa; chegou à conclusão de que o ser humano, desde tempos muito remotos, vem criando, transformando e adaptando símbolos religiosos de acordo com o credo de sua comunidade; como, por exemplo, a cruz, que para os cristãos representa a Paixão de Cristo, para alguns povos pré-colombianos tal símbolo representava o deus da chuva e da colheita. Cassirer (2004), desse modo, aponta que símbolos similares podem surgir nas mais diversificadas culturas com significados diferentes. É o que muito provavelmente ocorreu na Praça de São Pedro, em Roma, o que veremos a seguir.

Outra consideração pertinente para esta investigação leva-nos a ponderar sobre mais um tópico fundamental dentro das tradições religiosas do mundo. Tal temática refere-se sobre a crença amplamente difundida sobre a existência dos opostos, como por exemplo, masculino e feminino, ativo e passivo, claro e escuro, bem e mal, entre outros. É Eliade (2010) que aponta, juntamente com Jung (2011), que essa temática é o alicerce de praticamente todas as grandes religiões, mesmo para o próprio Cristianismo. Para um estudo um pouco mais detalhado, abriremos um outro título.

Considerações sobre a temática dos opostos masculino e feminino nas religiões.

Segundo Hall (1994), as religiões ocidentais e orientais compartilham alguns conceitos, como por exemplo, a temática dos opostos. Historicamente, as religiões orientais possuem maior destaque, no quesito antiguidade do que as religiões ocidentais, no caso, referimos ao Bramanismo, Hinduísmo, Budismo, Zoroastrismo, Judaísmo, entre outras religiões¹. Utilizaremos o exemplo dos opostos masculino *versus* feminino. Jung (1988) discorre amplamente sobre a temática. Segundo o estudioso, na história da humanidade, especialmente das religiões, o conceito de masculino e feminino como opostos é amplamente difundido.

Veja por exemplo, o famoso símbolo *ying/yang*, um dos símbolos mais antigos da história que apresenta conotação de opostos, o branco significa o ativo, portanto, o masculino e o negro, o passivo, equivalente ao feminino.

O mesmo ocorre em outras correntes religiosas e filosóficas como na Gnose, que muito foi influenciada por ideias e concepções orientais. Essa corrente, surgida por volta do século IV d.C, considerada herética pelo Catolicismo, tinha a crença de que os opostos se encontravam em todos os lugares, mais precisamente na alma, em contraposição à matéria, de forma a considerar a alma como princípio bom e a matéria como princípio mau. A mesma temática está presente nos antigos Alquimistas, que ao manipularem os materiais químicos na busca pela panaceia, pela transformação de metal em ouro e na imortalidade, também tinham a crença de que a obra alquímica só estará totalmente concluída quando o homem for capaz de ultrapassar os limites dos opostos, sobretudo dos opostos masculino e feminino. Esses místicos, como nos aponta Jung (2011), chamavam essa transformação de *Hieros Gamos*, que em uma tradução literal significa “casamento sagrado”, no qual se ultrapassa os limites da matéria, não havendo mais, portanto, diferenciação de um sexo para o outro, de forma que os opostos foram superados e de dois se fez um.

¹ Não se pode deixar de mencionar que os vestígios de religiosidade no ocidente são tão antigos quanto às do oriente. Entretanto, é no oriente que as primeiras religiões se formam com seus ritos, credos, símbolos e dogmas.

Para exemplificar essa complicada concepção, podemos utilizar o próprio exemplo do casamento convencional que ocorre diariamente em diversas religiões do mundo. No Cristianismo, os nubentes vão perante o altar e, segundo a cerimônia e as palavras do celebrante, entendemos que daquela união os dois indivíduos se tornarão um e que estarão para sempre unidos perante as felicidades e dificuldades da vida. Por isso, a igreja Católica considera tal união um sacramento indissolúvel, o que seria chamado por outras tradições de *Hieros Gamos* ou casamento sagrado.

Retrocedendo um pouco, para longe da concepção cristã, o casamento sagrado era amplamente difundido por culturas orientais pagãs. Até hoje, os hindus possuem a crença de que seus deuses promovem entre si e periodicamente o chamado *Hieros Gamos*, um exemplo, é a união sexual de Shiva com Parvati², representada por diversos símbolos, principalmente pelo *Lingam e Yoni*, os quais serão discutidos posteriormente.

Como é perceptível, mesmo nessa rápida consideração sobre a temática dos opostos nas religiões, essa concepção é muito antiga e como postula Jung (2008), aparenta estar arraigada à psique e, conseqüentemente, incrustada na cultura religiosa da humanidade.

Carpenter (2008) argumenta que a simbologia do casamento sagrado era tão profunda na mente dos antigos, incluindo os romanos e os gregos, que após o surgimento do Cristianismo e da conseqüente formação da igreja Católica, a religião nascente percebeu a necessidade de adaptar crenças pagãs em crenças cristãs, somente adaptando e fornecendo novas interpretações para antigos símbolos. Com efeito, foi o que ocorreu com a difundida crença religiosa das polaridades masculina *versus* feminina.

Enquanto os pagãos equilibravam os opostos masculino e feminino com seus deuses e deusas pagãs, o Cristianismo enfrentava uma dificuldade, tendo em vista ser uma religião monoteísta.

Entretanto, como é apontado por Bettencourt (1998), coube a Virgem Maria o aspecto de princípio feminino, dentro do Catolicismo. É válido lembrar que nos primeiros séculos da formação da igreja, quando muitos pagãos eram convertidos ao catolicismo, os convertidos viam Maria como uma espécie de “deusa”, entretanto, tal

² Segundo Lurker (1993) Shiva é masculino e representa as forças opostas da criação e destruição. Parvati símbolo do feminino. A união sexual forma o ser andrógino conhecido como Ardhanarisvara.

concepção foi erradicada pelos primeiros concílios ecumênicos. O fato mais importante é ter em mente que a igreja Católica conservou a crença de equilíbrio entre masculino e feminino. Coube a Deus e ao seu Filho Jesus o simbolismo da masculinidade e da paternidade, e a Maria o símbolo da feminilidade, da Mãe acolhedora e o título de *Mater Ecclesiae*, ou seja, Mãe da Igreja.

Observamos que o Catolicismo manteve em sua tradição os aspectos masculinos e femininos, porém, como aponta Campbell (2008), de maneira mais discreta que os antigos pagãos, os quais tinham na união sexual entre macho e fêmea uma espécie de êxtase divino. Bettencourt (2000) ressalta que os antigos hebreus também possuíam seus princípios de masculino e feminino, por exemplo, Javé, o Deus de Israel, assume o papel de esposo que, no final dos tempos, deverá receber sua esposa na cidade de Jerusalém em um *Hieros Gamos*, ou seja, em um casamento místico. Tal doutrina era favorável para que os antigos hebreus não idealizassem o culto para outras divindades, o que poderia “contaminar” a esposa Jerusalém, que, no final dos tempos, deveria unir-se a Deus em um casamento místico semelhante ao conceito do casamento alquímico.

Como dito acima, Maria assumiu o símbolo do feminino na Cristandade, o que a tornou a Mãe da Igreja ou a *Mater Ecclesiae*. Ora, como menciona Bettencourt (2000), o conceito de *Mater Ecclesiae* é equivalente ao de esposa de Cristo, fazendo correlação com o conceito do Antigo Testamento de Jerusalém, como a esposa de Javé. Esse conceito é tão antigo que São Cipriano, que viveu no século III d.C, rezava:

“A Esposa de Cristo gera espiritualmente filhos para Deus... Para que alguém possa ter Deus como Pai, procure ter antes a Igreja como Mãe” (apud BETTENCOURT 2001, p. 176).

No fim dos tempos, segundo concepções cristãs, Cristo virá como esposo para se unir a sua esposa a Igreja símbolo feminino, eis como relata Bettencourt (2000):

“O esposo é símbolo do Cristo, que virá chamar cada qual para a vida eterna. Este simbolismo está baseado na concepção do Antigo Testamento segundo a qual Javé é o Esposo de Israel, ou filha de Sião. O texto de Dt 33,2 (“Javé vem do Sinai”) era explicado pelos rabinos com um apêndice: “como um noivo que vai ao encontro da noiva”. (p. 56).

A princípio, pode parecer confusa a comparação sugerida, entretanto, o reconhecimento de que a simbologia do masculino e feminino reaparece no Cristianismo é essencial para o entendimento sobre o simbolismo da Praça de São Pedro, em Roma.

O estudioso sobre simbologia religiosa, Lurker (2003), sintetiza esses conceitos de forma didática e sintética. Primeiramente, aponta que os termos *Ecclesiae* ou *Ecclisia* são praticamente equivalentes e que dentro da simbólica o termo que, no caso, refere-se ao feminino, pode ser representado por um útero receptivo:

Ecclesia é o corpo com muitos membros, que tem em Cristo sua cabeça e pelo qual é alcançada a plenitude. O símbolo do corpo é contemplado por outros, pertencentes ao domínio feminino. Como esposa de Cristo, é noiva e virgem; é sua mulher, que por seu intermédio se torna sua mãe. Este símbolo é ricamente desenvolvido na Patrística. A mulher é, como em Paulo, o grande símbolo da Ecclesia, pela sua força feminino-receptiva e maternal-formativa. (LURKER, 2003, p. 223).

Para compreender o termo:

- *Ecclesia*: vem a ser todos os fiéis que estejam dispostos a ser receptivos para com Cristo. Esse símbolo é representado por Maria, mãe de Jesus, que com suas características femininas, se tornou o símbolo da Mãe de Deus e Mãe de todos os fiéis que compõem o corpo da Igreja. Ou seja, é o feminino que gerou Jesus e hoje gera os fiéis para Deus.
- Já corpo de Cristo: está intimamente ligado ao conceito de *Ecclesia* e é o princípio masculino, representado sobretudo por Jesus Cristo, que vem a ser a Cabeça do Corpo, sendo que esse corpo é composto pelos fiéis, os quais são acolhidos por Maria, a Mãe da Igreja.

Tais concepções não são simples de entender, pois tratam-se de concepções teológicas e místicas, porém o mais importante para o leitor é ter em mente que a concepção de opostos, em seu sentido antagônico ou não, principalmente masculino e feminino é uma das crenças mais antigas da humanidade. É importante lembrar que

oposto não é sinônimo de antagonismo, como ocorre no simbolismo cristão masculino e feminino, no qual os opostos se completam em si.

A simbologia da Praça de São Pedro

O que discutiremos neste tópico está intrinsecamente relacionado com tudo o que foi tratado anteriormente. Devemos ter em mente os seguintes elementos: o símbolo oriental do *Lingam e Yoni*, que como se verá está relacionado com o simbolismo da Praça de São Pedro, o conceito de inconsciente coletivo de Jung (2008) e a tradição religiosa dos opostos, especialmente entre homem e mulher.

Cabe o momento de abriremos um adendo e explanar sobre o símbolo hindu do equilíbrio do masculino e do feminino. Esse símbolo, como lembra Mallon (2009), é um dos principais símbolos religiosos do Hinduísmo e é um dos principais símbolos sexuais do masculino e do feminino. É conhecido como *Lingam e Yoni* e é formado, em sua base, pelo *Yoni*, uma estrutura semicircular que representa a vulva ou útero feminino, principal símbolo de Pavarti³; Ao centro do *Yoni* encontramos um pequeno monólito ereto que simboliza o falo, símbolo da masculinidade conhecido como *Lingam* e que representa o deus Shiva, considerado um dos deuses mais poderosos do panteão hindu. Esse símbolo, portanto, representa a união sexual dos dois deuses, que mantêm o equilíbrio e a vida do universo. Lurker (2003) nos lembra que as relações sexuais dos deuses e das deusas do Hinduísmo são bastante explícitas e comunais, ou seja, segundo as doutrinas hindus, os deuses possuem sexualidade aflorada e é a partir dessa sexualidade divina que a vida é mantida na terra, sobretudo através da agricultura e dos cultos agrários, pois um dos resultados desse *Hieros Gamos* são a fertilidade da terra e sua abundante produção de alimentos.

O leitor pode estar se questionando sobre o que tudo isso tem de relação com a Praça de São Pedro, no Vaticano. É o que pretendemos responder a seguir.

Gian Lorenzo Bernini (1598-1680) foi um dos mais brilhantes gênios do Barroco, o estilo artístico e cultural pós-Renascimento. Como atesta Filho (2007), Bernini foi influenciado pela cultura renascentista, embora tenha trabalhado e dedicado

³ Segundo Lurker (2003), a deusa feminina hindu aparece de diversas formas e nomes, Pavarti pode ser também conhecida como Uma, Gauri e Shakti.

sua vida à nova perspectiva da época, o Barroco. Não cabe aqui um estudo comparativo entre as diferenças do Renascimento para o Barroco, porém é importante saber que a cultura renascentista trouxe à luz velhas crenças pagãs, a arte sofreu influência dos antigos traços greco-romanos, a sexualidade voltou a ser valorizada, como podemos atestar em diversas pinturas e esculturas da época.

Outro traço importante da renascença que influenciou o Barroco e, de certa forma, toda a cultura ocidental, foi a retomada dos estudos sobre misticismo, paganismo, magia, entre outras crenças que eram condenadas pela igreja Católica.

Tais estudos são analisados por Kinney (2006), que apresenta uma série de filósofos renascentistas os quais, patrocinados pelos grandes mecenas, como a família Médici de Florença, traduziam antigas obras neoplatônicas, cabalísticas e alquimistas. Nomes como Marsílio Ficino e Pico della Mirandola estão entre os filósofos que exploravam as antigas tradições herméticas. O estudo e a divulgação dessas obras, agora traduzidas do grego e árabe, despertavam interesses dos intelectuais e da nobreza da época, fornecendo impulso para o surgimento de diversas sociedades secretas que se dedicavam aos estudos destes temas místicos, mesmo sob a ameaça da igreja e da Inquisição.

É certo que todos esses estudos não se perderam com o fim da renascença, muito pelo contrário, muitos intelectuais e nobres permaneciam interessados nas antigas práticas e crenças religiosas⁴. Lurker (2003) lembra que esses estudos místicos são enfáticos na divisão do mundo em forças opostas como os já mencionados bem e mal, espírito e matéria, homem e mulher, claro e escuro. As religiões orientais, como o

⁴ Hipoteticamente, Bernini tinha conhecimento sobre o misticismo oriental. Infelizmente, a escassez de documentos não nos permite afirmar tal convicção. Entretanto, mais duas obras de Bernini, espalhadas por Roma, nos asseguram de que esse mestre barroco poderia ter conhecimento sobre religiões orientais. Uma dessas obras é a escultura do êxtase de Santa Teresa, na igreja de Santa Maria della Vittoria. Tal escultura retrata a santa em um êxtase divino, uma espécie de união mística com o Divino. E, por último, encontramos o elefante, esculpido pelo mesmo artista, carregando um obelisco em suas costas, em frente à igreja de Santa Maria Sopra Minerva. Lurker (2003) mostra que Minerva é a deusa romana da sabedoria, já o elefante é o símbolo hindu para a força e a sabedoria. Essas observações vêm ao encontro com a hipótese de que Bernini tenha sido influenciado pela mística oriental.

Hinduísmo, foram amplamente estudadas por esses círculos herméticos⁵. Outra caracterização histórica importante que pode ter influenciado as obras de Bernini, sobretudo na construção da Praça de São Pedro, foi a Reforma Protestante, iniciada por Lutero. Filho (2007) indica que o Barroco foi a resposta artística da igreja, na chamada Contra-Reforma. O Barroco passou a valorizar, através de suas plantas-arquitetônicas complexas e irregulares e com nítido gosto pelas figuras ovais, muitos dos valores do Catolicismo romano que estavam sendo revistos e reafirmados perante as “novas” comunidades protestantes.

Lurker (2003) e Filho (2007) nos mostram que o ponto mais alto do Barroco ou da chamada “arquitetura da Contra-Reforma” culminou com a construção da Praça de São Pedro, no Vaticano, por Bernini.

O ponto mais alto da arquitetura simbólica é a Igreja de São Pedro, em Roma: a dupla colunata da praça situada em frente representa os dois braços de Cristo, que dá as boas-vindas aos fiéis. A igreja em si é a cabeça de Cristo. A estrutura da igreja, vista da basílica, assemelha-se a uma chave gigantesca de S. Pedro. A praça oval foi projetada cerca de dez anos após Kepler ter descoberto a órbita elíptica dos planetas e possui um significado cósmico, acentuado pelos poços que ocupam os focos da elipse. O projeto todo é simbólico da validade do dogma. A Igreja de São Pedro, em Roma, como também a de Santa Maria della Salute, em Veneza, exibem um desdobramento teatral do poder e são símbolos do poder e do triunfo do papado. (LURKER, 2003, p.74).

As ponderações de Lurker (2003) são sobre a simbologia da Praça de São Pedro, bem como sobre a arquitetura da Contra-Reforma, encadeada pela igreja do século XVII. O referido estudioso ainda ressalta como as transformações científicas da época influenciaram a majestosa obra de Bernini e como os conceitos tradicionalmente

⁵ Mann (2006) explica que os círculos herméticos se tornaram comuns no período do Renascimento e do Barroco. Incluíam homens e mulheres, geralmente da nobreza, que se interessavam por misticismo, astrologia e pelos estudos das religiões orientais. Tais grupos são ditos herméticos, pois eram fechados e sua existência ocultada para que não caíssem nos ouvidos da Inquisição.

católicos das “chaves de São Pedro” e da igreja como “cabeça de Cristo” estão incutidos na simbólica da Praça.

Petrosillo (2008), que estudou meticulosamente o projeto da Praça, argumenta que são os conjuntos de colunas, denominada de colunatas, que fornecem parâmetros de delineamentos geométricos para o local. O conjunto de colunas forma um semicírculo que fornece espaço para a entrada na Praça, através da Via della Conciliazione.

A imensa praça pode ser dividida em duas partes. A primeira é uma vasta elipse com 196 mestras de largura e 148 metros de comprimento realizada por Gian Lorenzo Bernini de 1656 a 1667 sob o pontificado de Alexandre VII Chigi. É formada por dois hemiciclos ligados por uma área central rectangular. Aquele grande génio do barroco encerrou a parte curvilínea da praça com uma imponente colunata da ordem dórica que confere à gigantesca arquitectura uma solene grandiosidade que predomina e comove. (PETROSILLO, 2008, p. 210)

Os estudiosos julgam que a principal intenção do projeto era formar uma espécie de abraço universal, acolhedor, demonstrando assim, o argumento da Contra-Reforma, de que a verdadeira igreja é a igreja de Roma, cidade conhecida também como a “Herdeira de Jerusalém”. O abraço tem a função materna, pois a igreja, como atesta os teólogos, é a *Mater Ecclesiae* ou Mãe-Igreja, ou seja, possui significado feminino. Também como relata Bettencourt (1996), a igreja assume, com seu significado feminino, o papel de esposa de Cristo. Assim, o abraço maternal é explicitado da seguinte maneira:

Este memorável espaço religioso é desde há mais de três séculos o prólogo da basílica e em várias ocasiões torna-se uma enorme igreja ao ar livre ou uma imensa sala de encontro entre novos romeiros e o sucessor de Pedro. A sensação de acolhimento numa casa comum é dada pelos dois grandes braços abertos que delimitam a imensa elipse. Com a sua colunata em semicírculo, Bernini conseguiu reproduzir o acolhedor gesto “braços maternos”, que lhe tinha sido encomendado. O códice Chigi, de 1600, trazia esta frase: “Sendo a Igreja de São Pedro, de certo modo, a matriz de todas as outras igrejas, tinha de dispor de um pórtico que lhe permitisse mostrar-se pronta a receber nos seus braços, maternalmente abertos, os católicos para os confirmar na fé, os

hereges para reunir na Igreja e os infiéis para os iluminar na verdade fé”.
(PETROSILLO, 2008, p. 210).

Acreditamos que a representação feminina da Praça de São Pedro já esteja bem demonstrada. Afinal, simbolicamente a igreja Católica se apresenta tanto como “Mãe dos fiéis” como também “esposa de Cristo”. Tais conceitos teológicos cristãos estão bastante incutidos nessa magnífica obra de Bernini. De momento, nos resta fazer a compreensão do elemento masculino da Praça que, por sua vez, vem ao encontro com a perspectiva feminina da Praça, mantendo-se o equilíbrio entre masculino e feminino tão almejado por grande parte das religiões mundiais, sobretudo as do oriente, como amplamente demonstrou Campbell (2008).

O símbolo masculino presente na Praça que iremos analisar é o gigantesco obelisco egípcio. Campbell (2010) admite que o obelisco, por se tratar de um símbolo monolítico, se transformou em um dos mais antigos símbolos religiosos e sexuais da humanidade. Lurker (2003) complementa que desde a idade da pedra existiam formas monolíticas não polidas e nem esculpidas, denominadas menires que, provavelmente, serviam de culto à fertilidade. Porém, foram os antigos egípcios que popularizaram esses “menires” em forma mais estilizada e esculpida, formando os obeliscos egípcios. Sitiotti (2006) aponta que um obelisco remonta a uma estrutura monolítica, com quatro faces, possuindo uma infinidade de significados, sendo os principais o culto ao sol e ao falo dos principais deuses masculinos como Hórus, Osíris e Seth.

É Lurker (2003) quem complementa essa indagação e refere-se ao obelisco como principal símbolo sexual do masculino. É um símbolo potente, agressivo, que tende a demonstrar a força masculina. No ocidente, foi o símbolo mais utilizado para representar a masculinidade. Por muitas vezes, o obelisco possui o mesmo significado do *Lingam* hindu.

Historicamente, como relata Sitiotti (2006), Roma, em seu apogeu imperial, retirou milhares de peças históricas do Egito durante a ocupação e a dominação desse país. Milhares de obeliscos foram transportados para Roma para simbolizar que o Império Romano era um Império forte, resistente, duradouro e, sobretudo, permeado pela masculinidade de seus governantes. Foram com essas empreitadas de Roma que o

obelisco que hoje ocupa o centro da Praça de São Pedro foi trazido do Egito para a Roma Imperial.

Segundo Petrosillo (2008), o símbolo no centro da Praça representa o local onde São Pedro fora martirizado, sendo que a referida estrutura se encontra naquele local, desde 1586 d.C. Entretanto, apesar de se constituir um símbolo tipicamente pagão e datado de uma era anterior ao Cristianismo, a igreja achou por bem “despaganizar” esse monólito, colocando no topo do monumento uma Cruz sob uma *Orbi*, símbolo do mundo, tomando o significado de Cristo como governante do mundo. É o símbolo da vitória do Cristianismo sobre o paganismo.

Por um outro lado, o obelisco, no centro da Praça, deseja simbolizar que o Cristianismo está centralizado na força divina de Deus, que desde a época do Antigo Testamento o Deus dos judeus tem sido considerado um Deus masculino. Ou seja, o falo, símbolo original do obelisco, também se enquadra nas doutrinas tanto do Judaísmo como do Cristianismo na medida que identifica Deus como um Ser masculino. Sendo assim, a simbólica da Praça vaticana possui, em um de seus múltiplos significados, um significado simbólico-sexual.

Eliade (2010) afirma que desde os tempos bíblicos do Antigo Testamento, os povos, incluindo os judeus, tinham a crença de que a pedra seria um dos símbolos de Deus, sendo que a pedra é de certa forma, o material do obelisco. É o que o autor atesta quando cita uma referência bíblica em Jeremias (2:27) que evoca aqueles “que dizem à madeira: Tu és o meu pai! e à pedra: Tu me geraste”. O obelisco que marca o provável local onde São Pedro foi martirizado possui a conotação de que o Cristianismo se enquadra nos meandros da religiosidade fálica, ou seja, na crença em um Deus tipicamente masculino e centralizador.

Entretanto, a genialidade de Bernini “rompe” com a unicidade do obelisco-fálico, que até então já se encontrava em frente à Basílica, antes da construção da colunata. Podemos considerar que Bernini equilibrou as forças masculinas e femininas com a construção da colunata que, como nos referimos, tem o sentido de abraço acolhedor materno. A genialidade desse artista atesta que ele, consciente ou inconscientemente, conhecia sobre a tradição das religiões as quais buscava manter o equilíbrio sobre essas duas forças geradoras de vida.

Como dissertamos, no início do artigo sobre o casamento sagrado, conhecido como *Hieros Gamos* e a identificação de Cristo como esposo e a igreja Católica como

esposa, a partir desses conceitos podemos encontrar essa significação na arquitetura da referida Praça. Se observarmos com atenção, o abraço maternal, formado pelas colunas, fornece-nos a impressão de um útero materno, o útero da Mãe Igreja ou da esposa de Cristo e em seu centro está o principal símbolo do masculino, o obelisco-fálico que simbolicamente, representa a masculinidade divina, a qual, como papel místico de esposo da Igreja, une-se simbioticamente a sua esposa.

O conceito cristão de esposo e esposa é tão amplo que Bettencourt (1996) demonstra que, segundo a doutrina cristã, no fim dos tempos, Cristo virá simbolicamente como noivo, o qual arrebatará e se unirá definitivamente à sua Igreja, como um esposo se une a sua esposa.

A teoria do simbolismo do equilíbrio entre o masculino e o feminino, presente na Praça de Pedro está amplamente difundida, atestada e amparada pela teologia Católica, pelo misticismo oriental e pela Antropologia das religiões, que consideram a união ou o equilíbrio dos opostos como fundamentais para a fecundidade da vida. Jung (2008) comprova esses argumentos através de seus estudos em torno do inconsciente coletivo na medida em que observa que o coletivismo do inconsciente pode se apresentar não somente nos mitos, ritos, religiões e sonhos, mas também pode se apresentar através de símbolos estruturais como a Cruz, a Suástica, o quadrado e agora também incluindo a geometria simbólica da referida Praça, muito análoga ao *Lingam e Yoni* hindu.

Considerações finais

Quando estudamos simbologia, principalmente a religiosa, temos em mente que um símbolo jamais possui somente um significado, muito pelo contrário, um símbolo religioso assume diversos significados de acordo com os contextos que os cerca. É o que ocorre com a simbólica Praça de São Pedro, a qual neste artigo assumiu uma nova simbólica, com o significado de equilíbrio entre masculino e feminino, tão difundido na religiosidade oriental. É muito provável que Bernini tenha, de fato, entrado em contato com textos sobre a religiosidade e o misticismo oriental que, como dissertamos, fora amplamente estudados pelos ocidentais na época do Renascimento. Entretanto, é difícil

descobrir se Bernini tinha consciência de que seu projeto estaria fornecendo “contorno” ao conceito universalmente conhecido sobre o equilíbrio dos sexos. Todavia, podemos nos amparar mais uma vez em Jung (2008) com seu conceito de inconsciente coletivo que fornece o conceito de que os símbolos são formados através de conceitos já existentes, no inconsciente coletivo, denominados de arquétipos.

O indício que nos levou a formular esta hipótese foi a similaridade geométrica entre o *Lingam e Yoni* hindu e a Praça de São Pedro. Com a análise mais aprofundada, percebemos que a similaridade não se reduz ao geométrico, já que ambas tradições, cada uma a seu modo, reza sobre a união do masculino e do feminino, ou o *Hieros Gamos*.

Seja como for, não é nosso intuito aqui inferir sobre concepções teológicas, entretanto, se o movimento Barroco unido à Contra Reforma, tinha como missão a transmissão de conceitos teológicos, a Praça vaticana faz muito bem esse papel. Bettencourt (1997) relata que no início da Reforma Protestante, os reformadores, sobretudo Lutero, não minimizaram a imagem da Virgem Maria (principal símbolo do feminino no Cristianismo), contudo, outras reformas dentro da própria Reforma original tenderam a minimizar a figura de Maria, o que acabou por fazer uma supervalorização do elemento masculino, centralizados nas figuras de Deus e de Cristo e, contrapondo-se ao feminino, ou seja, dentro do Protestantismo atual, na sua maioria, encontramos um desequilíbrio entre as tão difundidas concepções de masculino e feminino.

A Praça de São Pedro pode vir a ser uma resposta à supervalorização do masculino no protestantismo em detrimento ao feminino. Não estamos, de forma alguma, valorizando o Catolicismo em contraposição às religiões protestantes, estamos apenas seguindo as linhas históricas que os fatos nos revelam.

Por fim, este artigo está longe de dar a palavra final para as inúmeras interpretações simbólicas que a Praça de São Pedro pode conter, guardadas “secretamente e silenciosamente” nos seus mais de 300 anos de existência. Sendo assim, a Praça pode ainda assumir o significado de renascimento, pois assim como um dos significados do *Lingam e Yoni* hindu que nos remete ao renascimento, por meio da fertilidade do *Hieros Gamos* dos deuses, a Praça vaticana oferece para todos os fiéis que adentram através da Via della Conciliazione um “renascimento” no seio da Mãe Igreja, representado pelas colunatas berninianas, bem como pelo obelisco presente no centro da respectiva Praça. É um conjunto de elementos perfeitos, que fornece aos fiéis a

simbólica do renascimento no ventre da Mãe Igreja, fecundada pelo elemento patriarcal de Cristo, presente no simbolismo do obelisco.

Referências Bibliográficas

BETTENCOURT, Estevão Tavares. **Curso de Teologia Fundamental**. Rio de Janeiro: Gráfica Itaci, 2001.

BETTENCOURT, Estevão Tavares. **Curso de Iniciação Teológica**. Rio de Janeiro: Gráfica Itaci, 2000.

BETTENCOURT, Estevão Tavares. **Curso de Parábolas e Páginas Difíceis do Evangelho**. Rio de Janeiro: Gráfica Itaci, 1998.

BETTENCOURT, Estevão Tavares. **Curso de Mariologia**. Rio de Janeiro: Gráfica Itaci, 1997.

BETTENCOURT, Estevão Tavares. **Curso de Eclesiologia**. Rio de Janeiro: Gráfica Itaci, 1996.

CAMPBELL, Joseph. **As Máscaras de Deus: Mitologia Primitiva**. São Paulo: Palas Athena, 2010.

CAMPBELL, Joseph. **As Máscaras de Deus: Mitologia Ocidental**. São Paulo: Palas Athena, 2008.

CARPENTER, Edward. **Religiões Pagãs e Cristãs - Origens e Significados**. São Paulo: Tahyu, 2008.

CASSIRER, Ernst. **A Filosofia das Formas Simbólicas- O Pensamento Mítico**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

ELIADE, Mircea. **História das Crenças e das Ideias Religiosas: da Idade da Pedra aos Mistérios de Elêusis**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

FILHO, Duílio. **Pequena História da Arte**. Campinas: Papirus, 2007.

FREUD, Sigmund. **Moisés e o Monoteísmo, Esboço de Psicanálise e Outros Trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

HALL, James. **Sonhos: Símbolos Religiosos do Inconsciente**. São Paulo: Loyola, 1994.

JUNG, Carl. Gustav. **Símbolos da Transformação**. Petrópolis: Vozes, 2011

JUNG, Carl. Gustav. **Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo**. Petrópolis: Vozes, 2008.

JUNG, Carl. Gustav. **Psicologia da Religião Ocidental e Oriental**. Petrópolis: Vozes, 1988.

KINNEY, Jay. **Esoterismo e Magia no Mundo Ocidental**. São Paulo: Pensamento, 2006.

LURKER, Manfred. **Dicionário de Simbologia**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

LURKER, Manfred. **Dicionário dos Deuses e Demônios**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

MALLON, Brenda. **Os Símbolos Místicos**. São Paulo: Larousse, 2009.

MANN, Nicholas. **Renascimento**. Barcelona: Folio, 2006.

PETROSILLO, Orazio. **Cidade do Vaticano**. Cidade do Vaticano: Edizioni Musei Vaticani, 2008.

SILIOTTI, Alberti. **Egito**. Barcelona: Folio, 2006.